



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

TAYARA SILVA COSTA

**PLANTAS MEDICINAIS E MÁGICAS DA ILHA SIRITUBA:
UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO A PARTIR DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS EM
UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA VÁRZEA AMAZÔNICA**

**BELÉM
2017**

TAYARA SILVA COSTA

**PLANTAS MEDICINAIS E MÁGICAS DA ILHA SIRITUBA:
UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO A PARTIR DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS EM
UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA VÁRZEA AMAZÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de licenciatura em Ciências Biológicas, Modalidade Biologia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Biologia.

Orientador: Prof^o Dr^o Flávio Bezerra Barros.
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR) – UFPA.

**BELÉM
2017**

TAYARA SILVA COSTA

**PLANTAS MEDICINAIS E MÁGICAS DA ILHA SIRITUBA:
UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO A PARTIR DAS PRÁTICAS TRADICIONAIS EM
UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA VÁRZEA AMAZÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de licenciatura em Ciências Biológicas, Modalidade Biologia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Biologia.

Orientador: Profº Drº Flávio Bezerra Barros
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR) - UFPA

Avaliador: Profª Drª Maria das Graças Pires Sablayrolles
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural (NCADR) - UFPA

Avaliador: Profº MsC. Fagner Freires de Sousa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA-Campus Cametá)

BELÉM
2017

À minha mãe Klene, que esteve presente em todos os momentos, incansavelmente, dando força quando o desânimo tentava me derrubar, coragem quando sentia medo de prosseguir e conforto durante os momentos difíceis. Dedico a você minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, compartilhando de tristezas e alegrias, e me incentivando a prosseguir neste caminho de vitórias.

Plantas medicinais e mágicas da Ilha Sirituba: um estudo etnobotânico a partir das práticas tradicionais em uma comunidade ribeirinha da várzea amazônica¹

Medicinal and magical plants of Sirituba Island: an ethnobotanical study based on traditional practices in a riverine community of the Amazonian floodplain

Tayara Silva Costa², Maria das Graças Pires Sablayrolles³ & Flávio Bezerra Barros^{4,5}.

Resumo

As plantas medicinais e mágicas historicamente fazem parte de estratégias de tratamento e cura de enfermidades. Neste sentido, este artigo apresenta resultados de um estudo etnobotânico a partir das práticas tradicionais na comunidade Tabatinga, na ilha de Sirituba-Abaetetuba PA. A pesquisa teve como objetivo investigar os saberes sobre as plantas utilizadas na comunidade para fins medicinais e mágicos, bem como contribuir para a valorização do conhecimento tradicional e identidade cultural de mulheres ribeirinhas, dando visibilidade às suas sabedorias. A pesquisa é de abordagem qualitativa. Realizamos trabalho de campo e empregamos entrevistas abertas e semiestruturadas. Destacamos uma riqueza de conhecimentos sobre a flora útil na vida das mulheres do grupo “Renascer das plantas”, que apresentaram 67 espécies de plantas importantes à vida da comunidade. Entretanto observamos a necessidade de valorização e resgate das sabedorias relacionadas às plantas medicinais e mágicas, visto que a camada jovem pouco tem se interessado por esse patrimônio que envolve rica diversidade biocultural.

Palavras-chave: Populações ribeirinhas, Cura, Conhecimento tradicional, Etnobotânica, Amazônia.

Abstract

Medicinal and magical plants are historically part of strategies to treat and cure diseases. In this sense, this article presents results of an ethnobotanical study based on traditional practices in the Tabatinga community, Sirituba Island, Abaetetuba municipality, State of Pará. The research aimed to investigate the knowledge about the plants used in the community for medicinal and magical purposes, as well as to contribute to the appreciation of the traditional knowledge and cultural identity of riverine women, giving visibility to their knowledge. The research is qualitative approach. We carry out fieldwork and employ open and semi-structured interviews. We highlight a wealth of knowledge about the flora useful in the life of the women of the group "Renascer das plantas", which presented 67 species of plants important to the life of the community. However we observe the need for valorization and rescue of the wisdoms related to medicinal and magical plants, since the young layer has little interest in this heritage that involves rich biocultural diversity.

Keywords: Riverine Population, Cure, Traditional Knowledge, Ethnobotany, Amazon.

¹ Artigo elaborado de acordo com as normas da revista *Rodriguésia* do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

² Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Cidade Universitária José da Silveira Netto. Avenida Augusto Corrêa, Nº 1, Guamá, 66075-110, Belém, PA, Brasil.

³ Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Cidade Universitária José da Silveira Netto. Avenida Augusto Corrêa, Nº 1, Guamá, 66075-110, Belém, PA, Brasil.

⁴ Universidade Federal do Pará, Programas de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (NCADR) e Antropologia (IFCH). Cidade Universitária José da Silveira Netto. Avenida Augusto Corrêa, Nº 1, Guamá, 66075-110, Belém, PA, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 2).

⁵ Autor para correspondência: flaviobb@ufpa.br

Introdução

A representação da diversidade cultural brasileira espelha-se na reunião de diversas culturas, saberes e povos, seguido por fatos históricos que revelam a diversidade na coexistência entre etnias e destas com o meio em que viviam. Desde a colonização até o presente, estas etnias formaram um emaranhado cultural intensamente diversificado por crenças, costumes e representações sociais. Emaranhado cultural, encorpado por saberes tradicionais, perpetuados entre gerações de forma oral e ditos tradicionais por identificarem populações de maneira específica, diferenciada e ao mesmo tempo multicultural. Martinic (1994), neste sentido, refere-se à noção de saberes como,

Conhecimentos, maneiras de compreender e de interpretar que cotidianamente resultam ser necessários para um adequado desenvolvimento social. É o acervo de conhecimento que, entre os setores populares, garante a reprodução e produção do mundo social ao qual pertence. Este conhecimento proporciona um conjunto de objetivações, certezas e parâmetros que permitem ao sujeito compreender sua experiência e, ainda mais, fazê-la inteligível para os demais.

O saber tradicional caracteriza-se por representações étnicas de povos culturalmente diversos que descrevem de forma oral a compreensão da sua realidade e cotidiano da relação entre pessoas e o meio em que vivem. Por outro lado, o saber tradicional também dialoga com outras formas de conhecimento para explicar questões entre o tradicional e a contemporaneidade ao qual pertence, buscando no etnoconhecimento outras formas de explicar a relação do próprio indivíduo, assim como seu grupo em relação ao meio ao qual pertence. Segundo Rodrigues & Noda (2009) questões em torno do etnoconhecimento buscam evidenciar a ciência como uma forma de conhecimento em relação com outras formas de perceber e explicar o mundo, de maneira que se ponha em análise a relação sociedade/natureza na contemporaneidade. Tal relação pode ser evidenciada mais fortemente em comunidades tradicionais, as quais se utilizam da natureza e mais recentemente de

registros de conhecimentos científicos para explicar determinados acontecimentos naturais em seu cotidiano.

Neste sentido é que, desde os primórdios da humanidade, o ser humano, enquanto agente de transformação do meio, carrega em sua história grande parte das características do ambiente em que vive, buscando na biodiversidade da natureza condições e recursos para satisfazer suas necessidades básicas e melhorar suas chances de sobrevivência. Segundo Balick & Cox (1997), tal interação pode ser identificada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos vegetais são dos mais diversos e importantes. São alguns exemplos desses usos a alimentação, a medicina tradicional, e o emprego em práticas religiosas, ritualísticas e de proteção, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas.

A interrelação direta entre pessoas de culturas viventes e as plantas do seu meio é estudada por uma disciplina denominada etnobotânica. De acordo com Amorozo (1996) a etnobotânica pode ser definida como sendo o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas. Segundo Albuquerque (2002), a etnobotânica inicialmente era entendida como o uso de plantas por aborígenes, e implicava numa complexidade e diversidade de pesquisas, a partir de meados do século XX. Neste sentido é que Jorge & Morais (2003) entendem que a etnobotânica começou a ser compreendida como o estudo das interrelações entre povos primitivos e plantas, envolvendo o fator cultural e sua interpretação.

Basicamente, a utilização de plantas para fins medicinais é um conhecimento primitivo, considerado empírico, aprendido pelos povos antigos por meio da experimentação, com finalidades de cura, religiosa e sobrevivência, no entanto não se tem dados de quando e

onde começou a história de utilização de plantas pela humanidade. Segundo Silva (2014), todas as comunidades antigas (China, Egito, Suméria, Assíria, Babilônia, Índia, Grécia, Arábia, Ásia, África) conheciam os segredos curativos das plantas, sem saber exatamente como tal conhecimento foi criado ou adquirido.

Sem dados exatos, o que se sabe é que os primeiros povos andarilhos, em busca de alimentos e moradias, acumularam conhecimentos sobre a utilização das plantas.

Esse saber passou a fazer parte dos hábitos, costumes, crenças e tradições, sendo repassado pelos mais velhos aos mais jovens, que repetiam e perpetuavam as práticas aprendidas, acreditando totalmente nas mesmas e prosseguindo a tradição. Em todas as comunidades, quem detinha o vasto conhecimento sobre o uso das plantas gozava de prestígio e poder. (Silva 2014).

Neste sentido, historicamente o uso de plantas no tratamento e na cura de enfermidades físicas e espirituais é tão antigo quanto a espécie humana. Assim, a busca e o uso de plantas com propriedades terapêuticas são atividades que vêm de geração a geração, descritas com o intuito de preservar essa tradição milenar e atestada em vários tratados de fitoterapia (Correa Junior 1991).

O emprego de plantas medicinais, fortemente enraizado em comunidades tradicionais, representa uma grande riqueza biológica de diversidade natural, com ambientes, espécies e distintas finalidades, além de preservar a vasta cultura de conhecimentos das populações locais, que se estendem aos diversos âmbitos, como econômico, social, cultural e vastamente religioso, o qual este processo de cura pelas ervas e divindades, é fundamental, dentro da dinâmica cultural, que, de acordo com Gonçalves & Martins (1998)

Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, tornando difícil delimitá-las com exatidão, já que a medicina esteve há muito tempo associada às práticas mágicas, místicas e ritualísticas. Consideradas ou não seres espirituais, as plantas, por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas, adquiriram fundamental importância na medicina popular.

No contexto das sociedades primitivas, dominadas por mitos religiosos, tanto doenças quanto suas curas vinculavam-se a crenças, sistemas religiosos, ritos mágicos. Daí a incorporação do aspecto religioso e místico do emprego das plantas nos tratamentos de doenças (Silva 2014).

Neste sentido, Von Martius conseguiu definir em uma frase o lado subjetivo de quem tem fé nas plantas medicinais e mágicas e acreditam na sua capacidade de cura, relatando que quando devidamente utilizadas “*as plantas medicinais brasileiras não curam apenas, fazem milagres*”. Caracterizando esse aspecto do conhecimento mágico sobre plantas, Borrás (2003) afirma que

Todos que vivem na Amazônia apresentam algum conhecimento das plantas de que precisam para sobreviver, entretanto, os que detêm a sabedoria são aqueles chamados de pajés, xamãs, curandeiros, feiticeiros, benzedeiros, rezadeiras que consideram as plantas como seres sensíveis e sensitivos.

Esse saber religioso, que emprega ervas em diferentes tipos de rituais e cerimônias, é fortemente evidenciado no cotidiano das populações tradicionais. Habitualmente tais práticas mágicas, místicas e ritualísticas são repassadas para as seguintes gerações por meio dos costumes e crenças de cada povo, normalmente de forma oral e das pessoas mais antigas para as novas gerações como forma de perpetuar a identidade do grupo. Neste sentido, podemos observar características específicas religiosas e culturais de um povo, por meio de um estudo de uso das plantas em determinada população tradicional.

Como afirma Diegues (2000), as populações tradicionais possuem um modo de vida específico, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, uma estrutura de produção baseada no trabalho da própria população, com utilização de técnicas prioritariamente baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras geralmente bem definidas, adequando-se ao que a natureza tem a oferecer, e também manejando-a quando necessário.

Desta forma é que a presente pesquisa foi realizada na comunidade Tabatinga, a qual se encontra na Ilha de Sirituba, no município de Abaetetuba, Estado do Pará. O objetivo desta pesquisa foi investigar, através da abordagem etnobotânica, as práticas tradicionais de uso de plantas medicinais e mágicas na comunidade Tabatinga, de forma a contribuir com a valorização do conhecimento tradicional e identidade cultural das mulheres ribeirinhas, dando visibilidade às suas sabedorias.

Neste sentido, a ilha de Sirituba, especificamente a comunidade Tabatinga, foi escolhida para a realização desta pesquisa pelo fato da nossa interação com a realidade ribeirinha por meio da efetivação de Projetos de Extensão empreendidos pelo grupo de pesquisa “Estudos Interdisciplinares sobre Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia (BioSE/CNPq), permitindo vivências e maiores aproximações com os sujeitos locais. Também é a ilha que contempla o grupo de mulheres extrativistas “Renascer das Plantas”, que pesquisa plantas medicinais e mágicas na realidade ribeirinha, com perspectivas de comercialização de seus produtos, por meio do projeto de fortalecimento de mulheres rurais apoiado pela Casa Civil da Presidência da República/Governo Federal.

A pesquisa justifica-se pela importância do vasto conhecimento etnobotânico e suas práticas tradicionais e mágicas presentes na comunidade em comento. Em suma, a importância deste trabalho está no fato de promover a visualização de situações reais no contexto das práticas tradicionais voltadas para a utilização de plantas medicinais e mágicas, oferecendo esclarecimento dentro e fora da comunidade acadêmica a respeito do conhecimento tradicional e identidade cultural dessa comunidade, por meio da investigação das formas de transmissão dos conhecimentos tradicionais em torno do uso das plantas, assim como sua frequência de utilização e propriedades das plantas medicinais mágico-religiosas.

Lugar da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas dependências da comunidade Tabatinga, localizada na Ilha de Sirituba, município de Abaetetuba/PA, pertencente à Mesorregião do Nordeste paraense e à Microrregião de Cametá (Figura 1).

O atual município de Abaetetuba, situado na zona fisiográfica Guajarina, à margem direita da foz do Rio Tocantins, foi primitivamente chamado Abaeté, topônimo indígena que significa homem forte e valente. Existem divergências quanto às primeiras penetrações no território (IBGE 2013). O município localiza-se na latitude 01°43'05" sul e longitude 48°52'57" oeste, estando a uma altitude de 10 metros. Em termos populacionais este município conta com aproximadamente 141.100 habitantes (IBGE 2010), onde 58,8% (82.998 pessoas) representam a população urbana; enquanto que 41,2% (58.102 pessoas) habitam a zona rural, incluindo Ilhas e Centro (estradas), visivelmente um município com alta concentração de pessoas vivendo no meio rural, com isso, ainda possui uma dinâmica voltada principalmente para atividades primárias, como o extrativismo, a pesca e a caça, além de comércio e serviços.

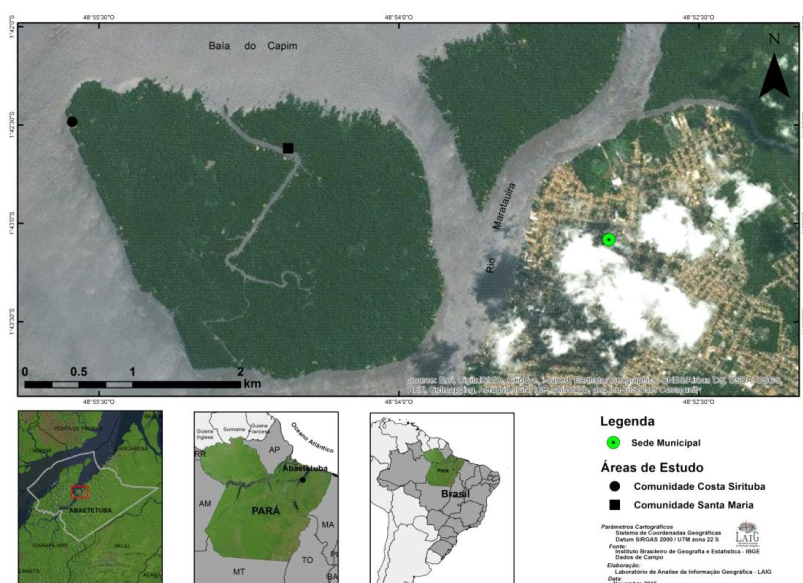


Figura 1. Mapa de localização da Ilha Sirituba – Abaetetuba, Pará. Fonte: SOUSA (2016).

Figure 1. Location map of Sirituba Island - Abaetetuba, Pará. Fonte: SOUSA (2016).

A ilha Sirituba está localizada no rio Pará, é caracterizada como imóvel da União, sob gestão da Superintendência do Patrimônio da União no Estado do Pará - SPU/PA, com uma área total de 758,3283 há (IDESP 2011 Apud Sousa 2016).

A ilha de Sirituba é considerada pelo Estado como comunidade tradicional ribeirinha, na qual foram beneficiadas, por meio da SPU/PA, 307 famílias agroextrativistas ribeirinhas que se utilizam de forma devida e sustentável das várzeas pela outorga de Termos de Autorização de Uso Sustentável (TAUS) pelo Programa Nossa Várzea da SPU/PA. A Ilha Sirituba, mais recentemente foi contemplada pelo Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), o qual surgiu com intuito de ampliar e qualificar os assentamentos por todo o país, e consequentemente aumentar os dados estatísticos relacionados a reforma agrária, beneficiando, neste caso, 248 famílias agroextrativistas ribeirinhas (Brasil 2013 Apud Sousa 2016).

A ilha compreende quatro comunidades ribeirinhas: Costa Sirituba, Costa Campompema, Santa Maria do rio Sirituba e Tabatinga. Esta última, por evidenciar mais fortemente o uso de plantas medicinais e mágicas por meio do grupo de mulheres extrativistas “Renascer das plantas”, trata-se do local de investigação desta pesquisa.

Sobre a comunidade estudada, entende-se Tabatinga enquanto comunidade ribeirinha tradicional, pelos seus modos de vida e ancestralidade que envolvem atividades e habitações dos núcleos familiares em torno das águas e recursos florestais de várzea, como pesca, caça, criação de pequenos animais e plantações suspensas, para comercialização ou subsistência familiar.

Enquanto área de várzea, a comunidade vive no ritmo do rio, ou seja, depende da sazonalidade do mesmo para desenvolver suas atividades, seja de pesca, criação de animais, plantação (normalmente suspensa ou protegida da enchente) ou para o próprio deslocamento para a cidade ou outras comunidades. Segundo Sioli (1964), o ecossistema de várzea, mesmo com uma diversidade menor de plantas, possui espécies com mecanismos específicos de sobrevivência para tal ambiente.

A floresta de várzea apresenta menor diversidade de plantas do que a terra firme, pois poucas espécies dispõem de mecanismos morfofisiológicos que

tolerem o ritmo sazonal de inundação. Mas ainda assim apresenta alto valor, pois contempla espécies restritas e características desse ecossistema. Além disso, a várzea apresenta uma alta concentração de biomassa, resultado da grande quantidade de nutrientes no solo.

Além de, apresentar uma maior riqueza de nutrientes no solo, visto que a cada cheia as novas águas trazem sedimentos e matéria orgânica, que na seca acabam se depositando nos solos fazendo com que a várzea torne-se naturalmente fértil.

Material e Métodos

A abordagem metodológica da pesquisa possui enfoque qualitativo, pois preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Gerhardt & Silveira 2009). Para Minayo (2001),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador

Segundo Ludke & André (1986) a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo. A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (Fonseca 2002). Assim, foi realizada uma pesquisa de campo buscando investigar, por meio de estudo etnobotânico, as práticas tradicionais de uso de plantas medicinais e mágicas, de forma a contribuir com a valorização do conhecimento tradicional e a identidade cultural.

Trata-se de perceber e caracterizar a pesquisa como exploratória, que segundo Severino (2007) “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando, assim, um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse

objeto”. Com o objetivo de criar maior proximidade com o problema pesquisado, com a finalidade de torná-lo mais claro, com possibilidades de construção de hipóteses favoráveis.

Desta forma, foram aplicadas entrevistas abertas e semiestruturadas, junto ao grupo de mulheres extrativistas “Renascer das plantas” que cultivam plantas medicinais e mágicas na comunidade. Por seguinte as falas sobre o tema foram gravadas com o auxílio de um dispositivo MP3 no momento da entrevista, com as devidas permissões dos interlocutores.

Segundo Minayo (1993)

A entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão. Ela é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos.

Como fonte de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas que para Triviños (1997) é

(...) aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Neste caso, a aplicação de entrevistas abertas e semiestruturadas possibilitou uma maior flexibilidade na condução dos resultados, pois foi possível direcionar o curso das perguntas de acordo com a finalidade do tema pesquisado. De acordo com Severino (2007) “o entrevistador se mantém em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente”.

As entrevistas foram realizadas nas casas das próprias interlocutoras, com a finalidade de estabelecer uma proximidade pessoal e manter o conforto do entrevistado, além do que, os canteiros de plantas normalmente ficam localizados nas suas casas, o que facilitou o registro das mesmas por meio de fotos de algumas espécies para possível identificação taxonômica.

No entanto, dentre as casas visitadas, encontramos o que a comunidade identifica como “Horta matriz”, que na verdade foi a reunião de todas as espécies de plantas medicinais encontradas na ilha em um único local, com a finalidade de cultivar e redistribuir as espécies faltosas dentre as demais residências.

A técnica de amostragem utilizada para selecionar os entrevistados é conhecida como “bola de neve” (“Snow Ball”), uma amostragem intencional na qual os sujeitos envolvidos são selecionados a partir de indicações feitas pelos entrevistados da comunidade e pelos próprios interlocutores (Albertasse et al. 2010). A partir do contato inicial com a comunidade, um primeiro especialista é reconhecido, que passa a indicar outro especialista e assim sucessivamente, envolvendo todos os especialistas da comunidade, até que o ciclo se feche e novos especialistas não sejam mais apontados (Albuquerque & Lucena 2004).

Em relação aos demais instrumentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa, destacam-se a pesquisa bibliográfica, a realização de registros escritos, gravados, fotográficos, a observação em campo, no qual foi possível observar costumes, modos de vida e interação social entre os próprios participantes.

Resultados e Discussão

Plantas medicinais e mágicas: usos na comunidade Tabatinga

Foram entrevistadas quinze (15) mulheres do grupo extrativista “Renascer das plantas”, por meio de diversas visitas à comunidade, especificamente em suas casas. Tivemos a oportunidade de dialogar de maneira informal imersos aos perímetros da comunidade Tabatinga. Junto a elas, identificamos um total de sessenta e sete (67) espécies de plantas, cultivadas pelas mesmas e algumas compradas na cidade, em uma estrutura chamada horta matriz, localizada em um dos quintais. Tal estrutura de recolhimento de diversas mudas de plantas possui a finalidade de reunir as mais utilizadas por elas com uso medicinal e mágico, para florescer e posteriormente serem redistribuídas para as integrantes do grupo e da

comunidade que, por um acaso, não tenha a planta em sua residência. Assim, segundo relatos, elas fazem com que nunca se perca a cura para determinadas enfermidades. Essa prática comunitária tanto conserva a diversidade genética das plantas como mantém um estoque para, em caso de necessidade, ser utilizado pelas mulheres do grupo.

Dentro das etnocategorias medicinais e mágicas, pode-se observar, por meio da Tabela 01 (Apêndice 01), que foram catalogadas sessenta e sete (67) espécies de plantas, das quais exatas quarenta e sete (47) são essencialmente medicinais, onze (11) possuem um simbolismo mágico; além disso outras nove (09) possuem características medicinais e mágicas ao mesmo tempo. Evidenciando a apropriação da medicina natural pelas mulheres ribeirinhas, segundo as mesmas, as plantas citadas são as que usualmente são recorridas pela comunidade.

Uma das dificuldades encontradas nesta pesquisa foi a ausência de permissão da comunidade para coleta e posterior análise das plantas estudadas, devido a recente criação da horta matriz e pouca disponibilidade de mudas nas hortas individuais. Além disso, evidencia-se que o intuito da pesquisa seria entender a relação das mulheres com as plantas e as respectivas formas de apropriação e transmissão dos saberes.

Desta forma, não foi possível identificar taxonomicamente um total de onze (11) espécies, mesmo adotando referências bibliográficas distintas e analisando por meio de fotografias retiradas em campo. Outras alternativas utilizadas para identificação das espécies foram o diálogo e reuniões informais com o grupo de mulheres, tendo por base algumas literaturas específicas, dentre elas o livro “Plantas medicinais no Brasil – nativas e exóticas” de Harri Lozenzi e FJ Abreu matos, que nos auxiliou por meio de comparações entre fotos, nomes populares e conhecimentos tradicionais, a identificação de diversas espécies a nível de família e posteriormente a nível de espécie.

Conhecimento tradicional de mulheres ribeirinhas sobre plantas medicinais e mágicas

Em relação ao cotidiano ribeirinho, e sobre o cenário pesquisado, observou-se uma espécie de tentativa de tradição em cadeia, timidamente perpassando o conhecimento de forma oral dos mais antigos para as gerações presentes, assim como as vindouras, com o intuito de manter e valorizar a tradição da utilização das plantas medicinais e mágicas na comunidade, estimando a força da palavra no ato da apropriação dos saberes. Conforme relatam Albuquerque e Silveira (2015)

Entendidas dessa forma, as palavras constituem-se em poderosos instrumentos de aprendizagem uma vez que se ensina e se aprende por meio de conversas que expressam sentidos, valores e visões de mundo que tornam a palavra e o ato de narrar como prática fundamental para a transmissão e apropriação de saberes.

Os saberes, neste caso, relacionam-se aos saberes tradicionais que cada indivíduo ou grupo social possui a respeito da sua realidade, a forma como compreendem e valorizam esse conhecimento, na perspectiva de que o aprendizado dos mais jovens ocorra de forma espontânea ou por influência das tradições orais. Como relata Pierucci (2001), sobre os conhecimentos tradicionais, neste caso, relacionado aos saberes medicinais e mágicos

Nas populações amazônicas, constata-se a valorização dos saberes tradicionais ligados ao uso medicinal, terapêutico e mágico, das plantas. Espontânea e oriunda das tradições orais e populares, a magia é manipulada por pessoas que têm algum tipo de aprendizado e domínio das artes mágicas como se observa em rezadores, benzedeiros, feiticeiros e outros profissionais da magia.

Segundo relatos da própria comunidade o remédio caseiro é importante e ainda é utilizado por algumas famílias, em diversas situações, seja por acreditarem na eficácia da medicação natural, ou não acreditar, mas se utilizar por falta de outra opção ou simplesmente por falta de condições financeiras para comprar remédios de farmácia. Neste sentido, o conhecimento tradicional ligado às plantas medicinais ainda se faz presente na vida de muitos moradores da ilha, mesmo que seja por meio de lembranças de uma vida compartilhada com os mais antigos, como menciona Dona Regina, membro do grupo de mulheres

“É importante desde quando me entendi com os antigos eles diziam que essas plantas eram muito boas principalmente para o que eles falam que de

primeiro era doença do tempo, agora é o AVC que entorta a boca, aí muitos faziam “fomentação”, pra soltar, pras pessoas poderem falar, faziam “fungamento” pra garganta, pra passar nas pernas...”

No entanto, existem casos em que os saberes tradicionais já não são tão recorridos como antigamente, as gerações presentes mostram-se desinteressadas por medicamentos naturais e esbarram-se no advento da modernidade e de novas tecnologias que modernizam e facilitam o acesso aos medicamentos industrializados disponíveis nas farmácias, como afirma Dona Regina em uma conversa “*Esses remédios antigos, que tem hoje em dia, mas muita gente já nem utiliza muito, hoje em dia já é mais o remédio de farmácia, quando antigamente não, eles utilizavam muito*”. Ainda segunda esta interlocutora, “*remédio simples que a gente tem aqui, tem gente que a gente ensina o remédio caseiro, mas eles não fazem, não acreditam... o remédio da farmácia que vai curar eles...*”

Observa-se esse tipo de despreendimento em relação aos conhecimentos tradicionais, dentro do próprio grupo de mulheres extrativistas, quando em muitos relatos se ouve “*Eu não tenho horta em casa, mas minha mãe traz pra mim quando a gente precisa aqui em casa*” ou “*Eu não sei muitos remédios, a dona Rosa e a dona Rosana sabem mais*”. Os últimos relatos fazem referência aos membros mais antigos do grupo e segundo as mesmas, as mulheres que entendem muito mais sobre as plantas utilizadas na comunidade. Entende-se que mesmo dentro de um grupo que faz referência às plantas medicinais, o conhecimento ainda é mais fortemente evidenciado nos membros mais antigos. Porém, todas se mostraram interessadas em ampliar os seus conhecimentos em relação ao uso de plantas medicinais e mágicas dentro da comunidade, com o intuito de auxiliar nos ensinamentos das futuras gerações.

Mesmo assim, aos que acreditam na cura e proteção por meio das plantas medicinais, as utilizam sem receio desde o que eles chamam de “*doença do tempo*”, identificada pelos mesmos como o sarampo, a catapora, o “*quebranto*”, este que aparece em crianças recém-nascidas, como relata Dona Bena “*quando nossos filhos eram bebezinhos que choravam*

muito...ah! porque esse pequeno tá com quebranto...faz o banho pra afastar". Até a famosa proteção dos lares contra inveja e mau-olhado não escaparam, como é o caso da planta jiboinha, que serve pra proteção, como relata Dona Rosana *"se tiver na frente da casa e derrubar, a pessoa vai junto com a planta... Ela é uma planta que se alimenta da seiva da outra... É uma planta mística muito forte..."* Existem outras que necessitam de um preparo a mais, como é o caso da planta tajá que, segundo Dona Bena *"o tajá quando benzido, jogando cachaça e pedindo proteção, ele repara a casa... Quando a pessoa sai da casa ele se transforma em um homem e protege a casa"*. E outras que são específicas para cada parte da casa, assim como a influência da sua cor, características morfológicas e de crescimento, como relata Dona Rosana

Tem as plantas que são pra frente da casa, pro interno e as plantas que são pro lado da casa... Na frente a gente planta as plantas que sobem, como a espada de São Jorge, uma planta que a folha é pra cima, a espada Joana Dark, essa jiboinha...A gente nunca planta na varanda a famosa samambaia, porque cresce pra baixo, e ela é uma planta que se alimenta de raiz...Ela é a planta que exerce força sobre o fuxico..." Pros lados a gente planta as plantas amarelas, como as brasileirinhas que elas tem o verde e o amarelo, já pro interno as plantas que não precisam tanto de sol, porque elas absorvem a energia de dentro, como a violeta, laços de amor e todas as plantas baixinhas que dá pra conciliar o ambiente...(Rosana, membro do grupo Renascer das plantas).

Neste caso, observa-se que as plantas normalmente ditas mágicas ou plantas de poder interagem com o ambiente não somente protegendo ou afastando energias ruins, mas também com o intuito ornamental, podendo se manifestar de diversas formas, como menciona Souza (2010)

Verifica-se, ainda, que a maioria das plantas dotadas de simbolismo místico é reportada pelos informantes também como ornamentais. Sob o ponto de vista ecológico e cultural, isso se deve, possivelmente, ao fato de que as espécies apresentadas são de fácil cultivo e de relativa beleza ou, numa perspectiva antropológica, infere-se que o misticismo está presente na cultura humana, manifestando-se de diversas maneiras.

Ainda sobre as plantas mágicas, existem modos, tipos e significados para se ter uma planta em casa, segundo Dona Rosana, esse tipo de planta possui um significado comum no seu crescimento em relação a função pretendida para dentro de casa

O destino dela é subir, e tem gente que planta nos vasilhos e ela cai, quer dizer que ela já exerce função contrária, quando a gente planta ela de cima pra baixo... tem que plantar ela embaixo pra ela subir...e conforme a viçosidade da planta é o progresso da pessoa que plantou...

Outra planta bastante comum na ilha é o cipó alho. Normalmente é plantado na frente das casas para “*espantar o boto*”, para evitar que ele venha visitar as pessoas enquanto dormem, inclusive “*É bom meter no vaso e colocar na frente da casa, pra espantar a maldade que vem pra casa da gente*” (Bena).

Algumas das plantas cultivadas possuem mais de um aspecto de aproveitamento, tanto medicinal, usadas como chás e pomadas, quanto como um forte apego para proteção, a exemplo disso temos a planta arruda, fortemente enraizada na cultura das mulheres de Tabatinga e em diversas outras culturas, mesmo assim percebe-se a utilização com a mesma finalidade

A planta da arruda (*Ruta graveolens L*) é considerada planta mágica na Europa e na África, usada em rituais de proteção, principalmente, contra o mau olhado em crianças. Estudos demonstram que nas folhas estão o princípio ativo, com a presença de flavonoide rutina, óleos essenciais, entre outros, e na medicina tradicional pode ser usada como antisséptico, estimulante, analgésico e antiparasitário (Muñoz et al. 2007).

Sobre os relatos de preparação dos remédios caseiros. Foi possível identificar várias formas de preparação, que incluem como as mais frequentes: infusão, maceração, chá, fumentação e principalmente os banhos mágicos para tirar a “panemeira” do corpo. Segundo relatos a chamada panemeira, camoeira ou mimbra, este último enquanto termo mais atual, seria um estado de espírito do indivíduo que faz com que este não tenha sucesso em muitas das suas atividades cotidianas, como pesca, caça ou venda, e os banhos com ervas fazem com que esta “panema” saia do corpo. “Panemeira”, “quebranto”, “mal olhado”, Estes termos referem-se a mal-estar difuso, dores no corpo, desânimo que são repentinos e relacionados à inveja ou ao querer mal de vizinhos e adversários (Montero, 1985).

Além disso, seguindo o curso dos diálogos, o que ainda se faz com frequência é a chamada “temperada”, que seria a mistura de várias ervas para intensificar a eficácia da

medicação, segundo dona Bena muito se utiliza das temperadas, como por exemplo, a “*casca da banana roxa, com a raiz do mamão macho, casca caxinguba... bate e ferve... e isso mata toda qualidade de verme*”. Além disso a “*oriza, mucuracaá, vindicá, casca do cedro, água de colônia, água de chama, cachaça... ai parava com o choro, várias pessoas usam ...quem tem fé e acredita, funciona... para amansar criança chorona*” (Bena, membro do grupo Renascer das plantas). Outros métodos já não são tão frequentes, o que se conhece são relatos dos mais antigos, que ensinavam ou tratavam os mais jovens, quando, por exemplo, se pretendia a cura para a asma

Essa vó do meu marido fazia pra essas crianças quando tava com esse negócio de aperto, porque disque esse negócio de “aperto” tem parece um saco que eles falam que aquilo que é o negócio da doença do “aperto”, da asma...aí ela fazia também uma batatinha que dá no terreiro, é igual uma cebolinha aquilo, ai ela cortava tudo aquilo e fervia, fazia o chá, e a modo que aquilo fica liso, e dava pra criança beber, aí põe na rede pra balançar...Uma vez ela fez pro neto dela, colocou na rede pra balançar... Aí aquilo vai, vai e enjoa o estomago...e ele “baudiou” aquilo, olhe um saco amarelo, mãe da asma, saiu de dentro, ela diz que aquilo que é o saco do aperto, da asma...Ela diz que enquanto a pessoa não joga aquele saco amarelo a pessoa não fica boa...também nunca mais, “piqueno” pegava sol, tomava banho, nunca mais deu “aperto”...” (Regina, membro do grupo Renascer das plantas).

Percebe-se enraizado na cultura dessa comunidade diversos processos de cura, dentre eles tem-se por exemplo, o tratamento para a doença chamada erisipela, causada por uma bactéria, que gera inflamação na pele, podendo ou não gerar feridas, segundo relato de algumas mulheres, existem diversas formas de tratar a doença, inclusive com remédios da farmácia, mas o método mais eficiente segundo as mesmas é feito com folhas de açai e uma benzedeira , segundo Dona Rosana “*a folha do açai para benzer erisipela, três folhas vai benzendo e vai cortando em cima da ferida, tem que fazer outras vezes*”, segundo a mesma o resultado é positivo depois de algum tempo, já que o ato de “cortar o mal”, representado pelas folhas é considerado um aspecto importante para o simbolismo tradicional.

Isso ocorre porque a tradição envolvida em cada processo de cura descrito nas narrativas, seja cura material ou espiritual, é o que faz com que o grupo de mulheres

extrativistas seja o elo de resgate nessa proximidade entre os demais indivíduos da comunidade e os medicamentos naturais e mágicos, é o que identifica a comunidade e a torna específica e diferenciada em relação ao mundo. O grupo de mulheres possui uma finalidade básica, que é socializar seus conhecimentos dentro e fora do grupo, fazendo com que cada vez mais pessoas se interessem pela área e observem a importância da transmissão dos saberes e preservação da biodiversidade da região, por meio do projeto da horta matriz. Para o conhecimento sobre plantas medicinais e mágicas compartilhado, se torne algo comum e bem mais enraizado na cultura tradicional da comunidade Tabatinga.

Além disso, é importante ressaltar que a valorização do conhecimento tradicional, neste aspecto funciona como uma estratégia de recurso médico, já que segundo relatos as pessoas que adoecem na comunidade Tabatinga devem recorrer aos serviços médicos do SUS (Sistema único de saúde) disponíveis em uma UPA (Unidade de pronto atendimento), recém-inaugurada, mas espantosamente descrita por elas como “UPA da morte” localizada no município de Abaetetuba PA, segundo os mesmos, normalmente as pessoas que recorrem a este serviço não sobrevivem, já que na primeira semana de funcionamento foram administrados medicamentos e realizados diagnósticos errados, que levaram algumas pessoas a óbito. Desde então, existe uma grande resistência em utilizar os serviços do SUS, o qual só se procura em última opção. Falando sobre alternativa de manutenção de saúde ou cura, Giraldi & Hanazaki (2010) descrevem que

A percepção sobre o poder curativo de algumas plantas é uma das formas de relação entre populações humanas e plantas e as práticas relacionadas ao uso tradicional de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa para a manutenção da saúde ou o tratamento de doenças.

Essa alternativa natural de tratamento, ainda é bastante valorizada por muitos indivíduos da comunidade, que de fato só recorrem aos medicamentos industrializados quando os recursos naturais não são suficientes, e mesmo assim, os mais antigos habitantes se recusam a utilizar determinados fármacos que venham de fora da comunidade. Percebe-se a

importância da manutenção e bem estar da saúde por meio das plantas medicinais, já que segundo a Dona Bena “*as plantas medicinais não fazem mal à saúde, já os remédios de farmácia a gente toma um pra cabeça que estraga o fígado, toma um pro fígado que estraga o estomago... aí não cura...*”. ou seja, torna-se um circuito de ingestão de medicamentos que segundo ela, acaba não curando de fato ou as vezes só piorando a saúde e afetando o que não tinha nada haver com o primeiro remédio ingerido.

Frequentes foram os relatos que ressaltaram a importância da valorização e do resgate de certos saberes relacionados às plantas medicinais e mágicas, saberes estes que sem uma transmissão oral, irá tender a se perder com o tempo. Mesmo que o grupo de mulheres extrativistas exista não somente para possível comercialização das plantas e seus produtos, mas também para socialização dos conhecimentos acumulados com a vivência e referência aos seus ancestrais para fazer com que as espécies cultivadas não esgotem nos limites da comunidade Tabatinga. Sobre esta questão, Albuquerque & Andrade (2002) comentam que uma vez perdido, o conhecimento advindo do conhecimento popular se torna irrecuperável, já que as referências deixam de existir. Do mesmo modo Guarim Neto & Moraes (2003) advertem que os recursos naturais, se extintos, não mais se encontrarão disponíveis às futuras gerações. Desta forma, os saberes tradicionais são afeitos às novas pesquisas, na tentativa de alerta para tal valorização e resgate.

Considerações finais

O estudo etnobotânico realizado na comunidade Tabatinga junto às mulheres extrativistas do grupo “Renascer das plantas”, reconheceu e identificou um total de sessenta e sete (67) espécies, entre as cultivadas na comunidade e as obtidas no comércio local. Dentre as mesmas destacam-se plantas com uso medicinal, outras cheias de simbolismo mágico e algumas com ambas características.

Neste sentido, evidenciou-se a necessidade de valorização e ressignificação dos conhecimentos relacionados às plantas medicinais e mágicas, pois mesmo o grupo sendo bastante rico em conhecimentos etnobotânicos, o que se percebe é que grande parte desses conhecimentos encontra-se restrito aos mais idosos. Segundo relatos, esse fato se dá pela dificuldade de fazer com que as gerações presentes entendam a importância da medicina tradicional em detrimento aos medicamentos alopáticos.

O presente estudo, portanto, socializa a riqueza biocultural existente entre as populações amazônicas habitantes da várzea e como sua relação com a natureza mobiliza estratégias de resolução dos problemas que afetam a saúde física e também espiritual por meio das plantas úteis.

Agradecimentos

A primeira autora agradece ao CNPq, a bolsa de estudos concedida ao longo da graduação. Ao grupo de pesquisa “Estudos Interdisciplinares sobre Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia (BioSE/CNPq), pela vivência e proximidade com a realidade ribeirinha por meio de projetos de extensão. Aos moradores da ilha Sirituba e em especial aos viventes da comunidade Tabatinga com honra ao grupo de mulheres extrativistas Renascer das plantas. Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização do presente trabalho.

Referências

- Albertasse, P.D., Thomaz, L.D.& Andrade, M.A. 2010. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 12(3): 250–260.
- Albuquerque, UP; Andrade, LHC. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco. *Acta Botanica Brasilica*, v.1, n.3, p. 273-285.

Albuquerque, M.B.B & Silveira, D.D.S. 2015. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. Revista COCAR, Belém, v.9, n.18, p. 255 a 284 – Jul./Dez.

Albuquerque, U. P. 2002. Introdução à Etnobotânica. Recife. Bagaço. 87p.

Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. (Orgs.). 2004. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife: Ed. Livro Rápido/NUPEEA. 189p.

Amorozo, M. C. de M. 1996. Abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org). Plantas medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo. EDUSP. p. 47-68.

Amorozo, M.C.M. & Gély, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Botânica, v.4, n.1.

Balick, M.J. & Cox, P.A. 1997. Plants, people and culture. New York: Scientific American Library.

Barbosa, W.L.R. (Org) et al. 2009. Etnofarmácia: fitoterapia popular e ciência farmacêutica. Belém, NUMA/UFPA. 169p.

Berg, M.E.V.D. 1982. Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático. Belém, CNPQ/ Programa Trópico úmido/MPEG, 223p.

Bitencourt, B.L.G; Lima, P.G.C & Barros, F. B. 2014. Comércio e uso de plantas e animais de importância mágico-religiosa e medicinal no mercado público do Guamá, Belém do Pará. Revista FSA (St. Augustine College Journal).

Borrás, M.R.L. 2003. Plantas da Amazônia: medicinais ou mágicas - Plantas comercializadas no Mercado Municipal Adolpho Lisboa. Manaus: Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas. 322p.

Brasil. 2013. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Portaria nº 426, de 30 de dezembro de 2013. Diário Oficial da União. Brasília.

Cavalcante, S.C. 2014. Ecossistema De Várzea: Etnobotânica e Ecofisiologia. Santarém, Pará.

Corrêa Junior, C., Lin, C.M. & Scheffer, M.C. 1991. SOB, informa, p. 9, 23.

Di Stasi, L.C. & Hiruma-Lima, C.A. 2002. Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica. 2ed. ver. e ampl., São Paulo, Editora UNESP.604p.

Diegues, A.C. 2000. Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo. USP.

Fonseca, J. J. S.2002. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC. Apostila.

Gerhardt,T.E. & Silveira,D.T. 2009. Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Giraldi,M. & Hanazaki,N. 2010. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. Acta bot. bras. 24(2): 395-406.

Gonçalves,M.I.A. & Martins,D.T.O.1998. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. Revista Brasileira de Farmácia 79 (3/4):56-61. INPI. 2004. Disponível em: <http://www.inpi.org/>. Acesso em: 02/06/2016.

Guarim Neto, GO. 2006. Saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v.17, n. 5; p. 71-89.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2010/ 2013. Abaetetuba, Pará – PA.
Disponível em: <<http://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/abaetetuba.pdf>>.

Acesso em 07 de dezembro de 2016

Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará – IDESP. 2011.
Abaetetuba: estatística municipal. Belém: Governo do Pará, Sepof, Idesp.

Jorge, S.S.A. & Morais, R.G. 2003. Etnobotânica de plantas medicinais. In: Coelho, M. de F. B.; Júnior, P. C.; Dombroski, J. L. D. Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais. Unicen, Cuiabá. p. 89-98.

Lameira, O.A. & Pinto, J.E.B.P. 2008. Plantas medicinais: do cultivo, manipulação e uso à recomendação popular. Belém, Embrapa Amazônia Oriental. 264p.

Leão, R.B.A.; Ferreira, M.R.C. & Jardim, M.A.G. 2007. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. Revista Brasileira de Farmácia, v. 88, n. 1, p. 21-25.

Lévêque, C.A. 1999. Biodiversidade. Bauru: Ed. da Universidade Sagrado Coração.

Lorenzi, H. & Matos, F.J.A. 2002. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa, Instituto Plantarum.

Lüdke, M & André, M.E.D.A. 1986. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.

Martinic, S. 1994. “Saber popular y identidad”. In: Moacir Gadotti; C. A. Torres. Educação popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez; Edusp. p. 69-88.

Minayo, M.C.S. 1993. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

Minayo, M.C.S.(Org.). 2001. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.

Montero, P. 1985. Da doença a desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Graal.

Muñoz,D.K.; Londoño, J.A.L. & Arango, G.J.A., et al. 2007. Efecto de La técnica de extracción de ruta graveolens sobre la actividad antitirosinasa y correlación entre la inhibición enzimática, el contenido de compuestos fenólicos y la citotoxicidad. Vitae, Medellín, v. 14, n. 2, jul., p. 71-77 Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012140042007000200010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 27.02. 2017.

Pierucci, A. F. 2001. A magia. São Paulo: Publifolha.

Rocha, S.F.R. & Scarda, F.M.(Eds.). 2003. Plantas medicinais: etnobotânica na várzea do Mamirauá. Manaus, SEBRAE/AM, 218p.

Rodrigues, P.F. & Noda, H. 2009. Conhecimentos tradicionais, tradição e cultura: O conhecer-fazer de plantas medicinais em Tupi I/Alto Solimões/Amazonas. Somanlu, ano 9, n.o 2.

Severino, A.J. 2007. Metodologia do trabalho científico. SP: Cortez, 23ª edição.

Silva, C.L.F. 2014. Uso terapêutico e religioso das ervas. Caminhos. Goiânia, v. 12, n. 1, p. 79-92.

Silva, E.R.R. 2011. Agricultura urbana: contribuição e importância dos quintais para a alimentação e renda dos agricultores urbanos de Santarém. Belém, Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas da UFPA.

Silva, L.R.da et al.2012. Caracterização do fruto de *Morinda citrifolia* L. (noni). Revista Cubana de Plantas medicinais, v.17, n.1, p.93-100.

Silveira, D.D.S. & Albuquerque, M.B.B. 2015. Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia. Revista COCAR, Belém, v.9, n.18, p. 255 a 284 – Jul./Dez. Programa de Pós-graduação Educação em Educação da UEPA

Sioli, H. 1964. Solos, tipos de vegetação e águas na Amazônia. Boletim Geográfico, [S.l.], v. 79, p. 147-153.

Sousa, F.F. 2016. Miriti: o Açaí do Inverno? Extrativismo, Comercialização e Consumo de Frutos de *Mauritia flexuosa* L.f. no Estuário Amazônico.

Souza, L.F. & Neto, G.G. 2010. Plantas ornamentais e místicas. I - um estudo etnobotânico em comunidades ribeirinhas, Cuiabá, Mato grosso, Brasil. FLOVET. N2. P1-68.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2005. Botânica sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APGII. Nova Odessa, Instituto Plantarum. 610p.

Triviños, A.N.S. 1997. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

Apêndice 01

Tabela 01 – Plantas cultivadas com finalidade medicinal e mágico-religiosa na comunidade Tabatinga, Ilha de Sirituba, no município de Abaetetuba/PA. Legenda: Med: Medicinal; Mag: Mágica.

Table 1 – Plants cultivated for medicinal and magic-religious purposes in the Tabatinga community, Sirituba Island, Abaetetuba municipality, State of Pará. Legend: Med: Medicinal; Mag: Magic.

Nome popular	Categoria	Usos	Parte usada	Formas de uso	Nome científico	Família	Referências
Abacate	Med	Dor; inflamação	Caroço	Pomada	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	VAN DEN BERG, 1982; AMOROZO e GÉLY, 1988; DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Açaí	Mag	Erisipela	Folha	reza	<i>Euterpe oleracea</i>	Arecaceae	LORENZI e MATOS, 2002;
Acapú	Med	Garganta	Folha	Chá	<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	Fabaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Alecrim	Med	Estômago	Folha	Chá e defumação	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	LAMEIRA e PINTO, 2008
Algodão	Med/Mag	Infecção e proteção	Folha	Chá/ Planta na frente de casa	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Malvaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Anador	Med	Dor	Folha	Chá	Não identificada	Não identificada	
Andiroba	Med	Cicatrizar	Leite ou sumo	Uso externo	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	ROCHA e SCARDA, 2003
Arruda	Med/Mag	Proteção e dor de cabeça (Benzedeira)	Galhos	Chá; banho	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003; LAMEIRA e PINTO, 2008

Barbatimão	Med	Inflamação; anemia	Casca	Imersão; chá	<i>Stryphnodendron barbatiman</i> Mart.	Mimosaceae	LAMEIRA e PINTO, 2008
Beterraba	Med	Baixa resistência	Fruto	Batido com mel	<i>Beta vulgaris</i> L.	Chenopodiaceae	BARBOSA et al. 2009
Boldo	Med	Estômago	Folha	Chá	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	LAMEIRA e PINTO, 2008 ROCHA e SCARDA, 2003;
Borboleta	Med	Dor de urina; albumina; para expulsar criança mais rápido	Raiz	Chá; banho	Não identificada	Não identificada	
Cajueiro	Med	Cicatrizante; Frieira (Micose)	Casca	Sumo; lavagem	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988; DI STASI e HIRUMA- LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Canela	Med	Aumentar a dor do parto; expulsar a criança	Folha	Chá; banho	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Lauraceae	VAN DEN BERG, 1982;AMOROZO e GÉLY, 1988;
Capim marinho ou capim santo	Med	Controla pressão baixa	Folha	Chá	<i>Cymbopogon citratu</i> (D.C.) Stapf.	Poaceae	DI STASI e HIRUMA- LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Castanha/ castanheira	Med	Dor de “murrudá” ⁶	Umbigo da castanha	Chá	<i>Bertholletia excelsa</i> Humboldt & Bomphand	Lecythidaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;ROCHA e SCARDA, 2003
Catinga da	Med	Derrame	Folha	Sumo; fumentação;	<i>Aeollanthus suaveolens</i>	Lamiaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;ROCHA e

⁶ “Dor fina no pé no umbigo que a gente se espreme e não sai nada” (Dona Bena)

mulata				chá	Spreng.		SCARDA, 2003
Caxinguba	Med	Verme	Casca seca	Descanso	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	VAN DEN BERG, 1982; AMOROZO e GÉLY, 1988; ROCHA e SCARDA, 2003
Chama	Mag	Proteção	Folha	Banho	Não identificada	Não identificada	
Chicória	Med	Dentição	Raiz	Chá	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; AMOROZO e GÉLY, 1988; ROCHA e SCARDA, 2003
Cidreira	Med	Calmante; Pressão alta	Folha	chá	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Brown	Verbenaceae	LAMEIRA e PINTO, 2008
Cipó alho	Med/Mag	Atrai dinheiro; espanta o boto	Folha; árvore inteira.	Banho; planta na frente de casa	<i>Pachyptera alliacea</i> (Lam.) A. Gentry	Bignoniaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Cipó da Buta	Medl	“Baque” (Machucado)	Folha	Fumantação ⁷ ; Chá	Não identificada	Não identificada	
Cipó de jupindá ou cipó de unha de gato	Med	Cicatrizante; dor no estômago	Cipó	Sumo; fusão no álcool; chá	Não identificada	Não identificada	
Combate ou Maria fumaça	Mag	Proteção	Árvore inteira	Planta na frente de casa	Não identificada	Não identificada	
Coramina	Med	Coração	Folha	Chá	<i>Pedilanthus tilhymaloides</i> (L.) Polt.	Euphorbiaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988; SILVA, 2011
Cuieira	Med	Dor no ouvido	Flor	Flor murcha	<i>Crescentia cujete</i> L.	Bignoniaceae	LORENZI e MATOS, 2002

⁷ Relatada na comunidade como pomada caseira.

Dinheiro em pença	Mag	Chamar dinheiro; atrativo	Folha; árvore inteira	Planta em casa; banho	<i>Phyllanthus</i> sp.	Phyllanthaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Espada de Joana Dark	Mag	Proteção	Árvore inteira	Planta em casa	Não identificada	Não identificada	
Espada de São Jorge	Mag	Proteção; mau olhado	Árvore inteira	Planta em casa	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Willd.) N.E. Br	Ruscaceae	SOUZA e LORENZI, 2005; SILVA, 2011
Eucalipto	Med	Tosse	Folha	chá	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Facãozinho	Med	“Curuba” (micose)	Casca	Imersão	Não identificada	Não identificada	
Gaxixi	Med	Ferida na boca	Casca	Imersão; Gargarejo	Não identificada	Não identificada	
Gengibre	Med	Dor de garganta; reumatismo	Batata	Chá; sumo	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; LAMEIRA e PINTO, 2008
Genipapo	Med	Cicatrizante	Casca	Murcha; uso externo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	ROCHA e SCARDA, 2003
Goiabeira	Med	Hemorroida	“Olho da árvore”	Chá	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Hortelã	Med	Dor; dentição; diarreia	Folha	Chá	<i>Mentha piperita</i> L.	Lamiaceae	ROCHA e SCARDA, 2003 LAMEIRA e PINTO, 2008
Insulina	Med	Diabetes	Folha	Chá	<i>Cissus sycioides</i> L.	Vitaceae	LAMEIRA e PINTO, 2008 SILVA, 2011

Japana	Med/Mag	Acalmar criança	Folha	Banho	<i>Eupatorium ayapana</i> Vent.	Asteraceae	VAN DEN BERG, 1982; ROCHA e SCARDA, 2003
Jiboinha	Mag	Proteção	Planta inteira	Planta na frente de casa	<i>Scindapsus aurens</i> (Linden & André) Engl.	Araceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Jucá	Med	Inflamação; dor no estômago; “baque”	Semente	Descanso; chá; sumo	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul. var. <i>férrea</i>	Caesalpinaceae	ROCHA e SCARDA, 2003
Lágrima de Nossa Senhora	Med	Dor de urina	Folha	Chá	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Poaceae	LORENZI e MATOS, 2002; BARBOSA et al. 2009
Limão galego	Med/Mag	Limpar o corpo; tirar a panemeira ⁸ ; constipação	Folha	Banho; Choque na cabeça ⁹	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.	Rutaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Lisador	Med	Dor	Folha	Descanso; chá	Não identificada	Não identificada	
Malva Rosa	Med	Dor de cabeça	Folha	Chá; banho	<i>Malva</i> sp.	Malvaceae	LORENZI e MATOS, 2002;
Manjericão	Med/Mag	Banho de cheiro	Folha	Banho	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	ROCHA e SCARDA, 2003; LAMEIRA e PINTO, 2008
Marupazinho	Med	Limpar o intestino; diarreia; Dor de “Murrudá”; dentição	Batata	Suco; sumo	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	Iridaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Mucura-caá	Mag	Tirar panemeira do corpo	Folha	Banho	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolacaceae	VAN DEN BERG, 1982; DI STASI e

⁸ “Quando a pessoa tá com a “coisa” no corpo e nada dá certo”. (Dona Rosana)

⁹ Banho para o centro da cabeça, normalmente para soltar secreção dos pulmões.

							HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Ningapara	Mag	Tirar panemeira	Batata	Coloca com sal na rede de pesca	Não identificada	Não identificada	
Noni	Med	Infecção	Fruto	Batido; suco	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Rubiaceae	SILVA et. al. 2012
Oriza	Med/Mag	Banho de cheiro; asma	Folha	Banho; sumo com mel de abelha	<i>Pogostemon</i> sp.	Lamiaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988; ROCHA e SCARDA, 2003
Ortiga	Med	“Nascida”; Furúnculo	Folha	Folha murcha; uso externo	Não identificada	Não identificada	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Palmito	Med	Cicatrizante	Raiz	Sumo	<i>Euterpe edulis</i> M.	Arecaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002
Pariri	Med	Anemia	Folha	Chá	<i>Arrabidaea chica</i> (H. & B.) Verl.	Bignoniaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Pata de vaca	Med	Triglicerídeo; colesterol	Folha	Chá	<i>Bauhinia forficata</i> Link.	Caesalpiniaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; LAMEIRA e PINTO, 2008
Pião roxo, pinhão roxo	Med/Mag	Proteção; infecção intestinal	Planta inteira; folha	Planta na frente de casa; chá	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Pimenta malagueta	Med/Mag	Inflamação, nascida “puxa”; proteção	Folha; planta inteira	Murcha (Uso Externo); ter em casa	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Pirarucú	Med	Erisipela, inflamação, Nascida	Folha	Murcha a folha e coloca em cima(Uso externo)	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	Crassulaceae	LAMEIRA e PINTO, 2008

Quebra pedra	Med	Pedra no rim	Folha	Chá	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003 LAMEIRA e PINTO, 2008
Sabugueiro	Med	Sarampo	Folha	Banho	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltldl.	Caprifoliaceae	ROCHA e SCARDA, 2003; LAMEIRA e PINTO, 2008
Sacaca	Med	Colesterol, pressão alta	Folha	Batida	<i>Croton cajucara</i> Benth.	Euphorbiaceae	VAN DEN BERG, 1982; DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Sucuriju	Med	Inflamação, estômago	Folha	Imersão	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	Asteraceae	VAN DEN BERG, 1982
Sucuúba	Med	Verme	Casca seca	Descanso	<i>Himatanthus sucuba</i> (Spr. ex M.Arg.)W.	Apocynaceae	VAN DEN BERG, 1982; DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002; ROCHA e SCARDA, 2003
Tajá branco e tajá roxo (preto velho)	Mag	Proteção	Planta inteira	Planta na frente da casa	Não identificada	Araceae	AMOROZO e GÉLY, 1988;
Turanja	Med	Tosse, piolho, caspa	Fruto	Sumo e banho	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	BARBOSA et al. 2009
Vassourinha	Med	Alergia	Folha	Banho	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	ROCHA e SCARDA, 2003
Vindicáa	Mag	Proteção, Perfume	Planta inteira/ Flores	Planta na frente da casa, Flores (Banho)	<i>Alpinia japonica</i> Miq.	Zingiberaceae	DI STASI e HIRUMA-LIMA, 2002